O Ferroviário

REVISTA BRASILEIRA

DIRETORES :
ALVARO PRÉTZ — OCTACILIO CHAVES
OUTUBRO DE 1942

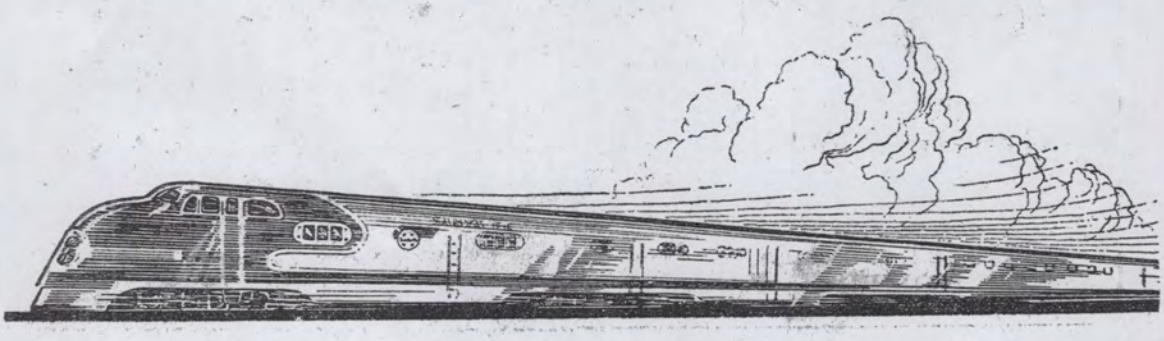
Brasil, nessa grave faze de sua vida política, exige dos seus filhos, além da demonstração de que têm dado as mais soberbas provas, do seu sublimado civismo — que o enaltece e o orgulha — mais os seus esforços valiosos e os seus sacrificios conjugados.

Parcimônia nos gastos, *era o lêma do então presidente da República, dr. Wenceslau Brás, na outra conflagração européia, na qual a nossa querida pátria tambem contribuiu com o seu tributo de sangue.*

Na atual guerra, da luta da Democracia contra a tirania nazista, o mesmo lêma continúa de pé, o mesmo consêlho é recomendado aos brasileiros pelo eminente chefe da nação, dr. Getulio Vargas.

Cada brasileiro, fazendo o máximo de economia nos seus gastos supérfluos, auxilia o Brasil, porque o Brasil, necessitando de cumprir o plano de defêsa ditado pelo seu prestigioso chefe, plano êsse que tem em mira a salvaguarda da nossa pátria, nossa família e da nossa liberdade, — exigirá dos brasileiros maiores sacrificios, os quais — é desnecessário que se afirme — serão feitos com satisfação quando em pról e em holocausto à nação ameaçada.

Cumpramos, todos, de bôa vontade, as recomendações dos nossos governantes, obedientes às suas acertadas decisões, porque assim tambem é uma maneira patriotica de bem servir ao Brasil!



Precisa-se de um noivo

Sketch psíquico-volitivo original de

SÍLVIO ALVIGGI

do Centro de Cultura Teatral do R. G. do Sul

Apresenta-nos Silvio Alviggi não sómente o autor de recursos, como o ator e coordenador capacitado para realizar alguma cousa que mereceu do Eng.º-Chefe dos Serviços Rodoviários da Viação Férrea, merecidos elogios.

ESCRITO especialmente para o programa radiofônico da Viação Férrea do Rio Grande do Sul e dado ao ar pela Rádio Farroupilha, de Pôrto Alegre, no dia 4 de setembro de 1942, às 21.30 hrs., com a interpretação dos seguintes

PERSONAGENS

BELINHA . . . . . Eunice S. Leite
ESTELA . . . . . Lina Simões, da Esc. Dramática
JEMMY } Sílvio Bragança
O CONFERENTE }

AMBIENTE: Sala de estar elegante, em casa de Belinha. Telefone próximo.

— *CAMPAINHA*

BELINHA. — Quem será?

— RUIDO DOS PASSOS DE BELINHA QUE SE ENCAMINHA PARA A PORTA DE ENTRADA. RUIDO DA PORTA QUE SE ABRE.

ESTELA. — (*NUMA EXCLAMAÇÃO INCONTIDA*). — Be-li-nha!

BELINHA. — (*IDEM*) Oh, Estela!

ESTELA. — Já de volta?! Que agradável surpresa! (*BEIJOS ÍNTIMOS*) Chegaste ontem?

BELINHA. — Não, pelo trem noturno de hoje.

ESTELA. — (*OBSERVANDO*) Mas estás bem, sabes? Muito bem, mesmo. Estás mais esbelta, mais elegante e até mais bonita... (*TRANSIÇÃO*) Ah!! como está linda a tua pele! Que belas mãos! Deixa-me ver... (*TOMANDO-LHE AS MÃOS*) Lisas... macias... Que creme estás usando? Aposto que é "Max Factor".

BELINHA. — Pois, olha que advinhaste. Êle mesmo.

Silvio Alviggi

ESTELA. — Não haveria eu de saber! Só podia ser êsse creme formidável que é o "make-up" das grandes estrelas do cinema. (*TRANSIÇÃO*) Também mudaste o penteado?! Oh! mas assentou-te muito bem; e que belo brilho. Que é que estás usando?

BELINHA. — Ora, Estela, meu cabelo foi sempre assim.

ESTELA. — Ah, não; isso é que não. Dizer-me, a mim, uma coisa dessas! Mas está formidável! Olha: tu estás que é ver a Hedy Lamarr sem tirar nem botar.

BELINHA. — Deveras? Achas, então, que estou em perfeita forma?

ESTELA. — Em perfeita? Em perfeitíssima forma! Agora, sim, podes dizer que tens o teu "oomph". Sofreste mesmo uma transformação ra-di-cal. Tem-se a perfeita impressão de que regressas de Hollywood.

BELINHA. — (*SORRINDO*) Qual, Estela, decididamente não perdes mais essa mania pelo cinema.

ESTELA. — Mania? Dizes mania? Ah, meu bem, quem quer seguir a moda, não pode perder de vista o cinema.

BELINHA. — Realmente, Estela, devo confessar que me sinto outra. Parece que rejuvenesci dez anos, tal é a disposição que sinto agora para todas as coisas.

ESTELA. — Não te dizia eu?

BELINHA. — Parece que começo a viver vida nova. Viajar, é sem dúvida, uma grande necessidade. Principalmente para nós que trabalhamos, é de importância vital. De tanta importância como as refeições que fazemos todos os dias.

ESTELA. — Agora que te vejo, não tenho dúvida em acreditar.

BELINHA. — Nos EE. UU. já é isso um costume. As moças, os rapazes, as crianças e até mesmo os velhos — todos viajam. Ninguém deixa de fazer a sua viagenzinha anual. E olha que não é difícil. Já pensaste nisso? Basta que a gente faça uma leve economia nos alfinetes, durante o ano. Compensa, porque, afinal, viajar faz bem a todo organismo. Rejuvenesce o corpo e o espírito... Olha, disse-me o Jemmy...

ESTELA. — (*ATALHANDO*) Hein?! Mas, isso é nome de cinema.

BELINHA. — (*RINDO*) Ah, ah, ah... não podes calcular. Foram as férias mais encantadoras da minha vida! Dias cheios de sol, de alegria, de romance, de vida...

ESTELA. — Mas que transformação! Não, Belinha, tu vais contar-me como foi isso.

BELINHA. — Pois, queres saber?

ESTELA. — Tim-tim por tim-tim.

BELINHA. — Então ouve. Foi assim. Saimos de Pôrto Alegre pelo trem noturno.

ESTELA. — (*IMITANDO*) Tac, tac, tac, tac, tac...

BELINHA. — Assim mesmo. E digamos de passagem, o confôrto que há nos nossos trens. Os carros são amplos, estéticos, limpos. Os empregados — solícitos e gentís — são de modo a cativar a gente.

ESTELA. — Tal e qual como os vemos no cinema.

BELINHA. — Exatamente. Pois, olha que os nossos trens de hoje não lhes fazem diferença. As cabines são de um asseio e de uma higiene à toda prova! Quizera que visses: lençóis de linho e toalhas alvos como a neve. Travesseiros macios. Abundância de água. Luz ao alcance da nossa mão. Maravilhoso! Dorme-se como si se estivesse no céu...

ESTELA. — E'?

BELINHA. — Imagina que só acordei em Santa Maria. Foi um sono só...

ESTELA. — Sim? Mas... e não entras no assunto?

BELINHA. — De Santa Maria fomos a Passo Fundo. O panorama ao subir da Serra é qualquer coisa de soberbo, de gigantesco. Coisa que a gente sente mas não descreve... Um nevoeiro espêsso cobre a nossa visão. Poucas vezes nos é dado distinguir, lá em baixo, casinhas tôscas, de gente feliz, perdidas num mundo diferente, em meio à vegetação. E fitando, lá em cima, o lindo e claro azul do céu, temos a impressão de que o dragão de ferro, fumegante e veloz, nos conduz às regiões celestes de Dante ou que viajamos, como Apolo, em pleno espaço, entre as nuvens e o céu!

ESTELA. — Mas, pensando bem, isso é literatura.

BELINHA. — Não, é mitologia.

ESTELA. — Seja o que fôr, não entras no assunto?

BELINHA. — Calma. Vê bem que foram 30 dias de férias. Na viagem fiz ótimas relações. Gente da melhor sociedade que ia para o Iraí. Dizem que a viagem é formidável. Salta-se em Sta. Barbara, onde ônibus rápidos e confortáveis estão em combinação com os nossos trens.

ESTELA. — E afinal?...

BELINHA. — De Passo Fundo fui a Sant' Ana. Visitei a cidade estrangeira de Rivera, que é interessantíssima. Logo no dia seguinte fui convidada para o grande baile de gala do "Clube Uruguai". Gente educada e amiga dos brasileiros é aquela de Rivera. Comecei a dansar.

ESTELA. — Um tango.

BELINHA. — Não, a "polonaise". E de apresentação em apresentação, terminei fazendo par a um rapaz a-me-ri-ca-no, calcula tu.

A graciosa sha. Lina Simões, um grande valor da Escola Dramatica dirigida pelo ilustre teatrologo Renato Viana, que deu belissimo desempenho ao papel de Estela.

ESTELA. — (*SURPREENDIDA*) Americano?!

BELINHA. — Legítimo de Chicago. Chegara fazia poucos dias. Vinha a serviço de uma companhia de carnes congeladas.

ESTELA. — Admirável! Exatamente como no cinema.

BELINHA. — Por sinal, coitado, dansava muito mal.

ESTELA. — Rapaz simpático?

BELINHA. — E educado, também. Desportista exímio. Jogava tenis como um campeão. Oh! que belíssimas tardes passámos...

ESTELA. — Loiro?

BELINHA. — Moreno.

ESTELA. — Moreno?! Já sei! Adivinho-lhe o tipo: alto, cabeleira cerrada, lábios grossos, maçãs salientes, olhar senvergonha, sorriso malandro?

BELINHA. — (*RINDO*) Ah, ah, ah... Tu és admirável, Estela.

ESTELA. — E' o Clark Gable, Belinha, é êle mesmo. Vai ver que vem disfarçado. Êsses americanos teem cada uma!

BELINHA. — No começo divertia-me muito. Não dizia uma palavra em português.

ESTELA. — Ora que bobagem. Para que dizer? Então a linguagem do amôr não é diferente?

BELINHA. — Repetia a cada passo: "Wonderful! Fine! Very sorry! Charming! Honey."

ESTELA. — Interessante! Tudo isso a gente ouve no cinema.

BELINHA. — Mas, fizémos uma combinação, sabes?

ESTELA. — Já sei. Não há de ser uma novidade: tu lhe ensinarias o português, e êle, a ti, o inglês, não é verdade?

BELINHA. — Exatamente. Adivinhaste. E vamos num verdadeiro progresso.

ESTELA. — (*EXPRESSIVA*) Eu só imagino!

BELINHA. — Como sabes, era meu propósito ir ao Rio Grande, ás praias do Casino que são, sem dúvida, o lugar preferido pela gente "chic" nêstes dias de verão. Mas, resolví não ir...

ESTELA. — Por que? Mêdo ou ciume?

BELINHA. — Nem uma coisa nem outra. E' que se apresentava um problema, para mim.

ESTELA. — Um problema?

BELINHA. — Sim. Êle me propunha casamento. Queria fazer-se meu noivo.

ESTELA. — Teu noivo? Ah! se fosse comigo...

BELINHA. — Como? Não tens o teu caso resolvido, com o Paulo?

A inteligente sha. Eunice S. Leite, que deu brilhante interpretação ao papel de Belinha.

ESTELA. — Ora, não me fales. O Paulo é um banana. Briguei com êle, não lhe quero mais saber notícias.

BELINHA. — Bem, mas não é caso para deseperar, a tua vez há de chegar.

ESTELA. — E' só isso que me está faltando na vida... Ah! mas não perco mais tempo; não perco. Vejo o tal, percebo-lhe no tipo qualquer vocaçãozinha para o matrimônio — é a conta. O resto vê-se depois.

BELINHA. — Ah! sim?

ESTELA. — Sem o exagero da Joaninha, é claro; que, como ela mesma diz, já carrega na carteira a documentação completa.

BELINHA. — Pois eu não.

ESTELA. — Quê! Vais dizer-me que o recusaste?

BELINHA. — Isso, propriamente, não...

ESTELA. — Sim, que eu mesma não acreditaria!

BELINHA. — Prometí dar-lhe uma resposta aqui em Pôrto Alegre. Tu compreendes: casar, ir para os EE. UU., terra estranha, tão longe...

ESTELA. — Ora, não me venhas com velharias. Morar nos EE. UU., que maravilha!

BELINHA. — Mas agora estou resolvida. Vou aceitar.

ESTELA. — Eu bem sabia. Sim, porque para tôla ainda não tens jeito.

BELINHA. — Suponho que já gosto dêle. E vou dizer-lhe hoje.

ESTELA. — Hoje?

BELINHA. — Sim, hoje. Dentro em alguns minutos.

ESTELA. — Mas, tu falas mesmo a verdade, Belinha?

BELINHA. — Pois, não acreditas? Vais ver. Olha, são cinco e meia. Êle não deve tardar.

ESTELA. — Que me dizes! Veiu a Pôrto Alegre? Por tua causa? Dos EE. UU.? — Oh! meu Deus... exatamente como no cinema.

CAMPAINHA.

BELINHA. — Vês? Não te dizia eu? Um momento, querida. Vou recebê-lo. (*RUIDO DE PASSOS DE BELINHA ATÉ A PORTA.*) — "Come in, baby."

ESTELA. — Uma coisa destas! Francamente, contado não se acredita. Eu só quero vêr o tipo... (*VENDO*) Ohhhh, mas é formidável!

JEMMY. — Hello, honey, how are you...

BELINHA. — (*BREJEIRA*) Não, não, não, Mister Jemmy; não senhor. Então, qual foi a nossa combinação?

JEMMY. — Oh, yes; pardon me, eu querrer dizer: pôa noite querrida...

BELINHA. — Assim, isso mesmo.

ESTELA. — Mas, é verdade o que vejo? Não, eu devo estar sonhando. Esse nosso Mister Jemmy é mesmo "o tal!"... Ah, mas tomo uma resolução! Comigo é assim. Eu sou violenta. Onde está o guia? Alí está êle...

RUIDO DAS PAGINAS DO GUIA QUE ESTELA ESTÁ FOLHEANDO.

BELINHA. — Então, "baby" gostou da cidade?

JEMMY. — Very much, indeed. Wonderful. (*TRANSIÇÃO*) Excuse me, eu querrer dizer: maravilhâs.

BELINHA. — E' isso, é: maravilhosa, bonita, bela.

JEMMY. — Yes, yes... somente pondes viajarr mutcho cheias parrecendo sardinhes...

BELINHA. — (*RINDO*) Ah, ah, ah,... é impagável!

JEMMY. — Eu fui dita serr porr caussa da racionamento da gasolina.

BELINHA. — Qual! Isso foi sempre assim. (*TRANSIÇÃO*) Olha, "baby", eu vou fazer-te uma apresentação.

JEMMY. — What? (Que?)

BELINHA. — An introduction. (Uma apresentação).

JEMMY. — Yes, yes; eu terr mutcha prazer.

BELINHA. — Antes, porém, quero dizer-te uma coisa. Escuta...

ESTELA. — Ah, achei! Aqui está. (*DISCANDO*) 8...6...0...5...

CAMPAINHA

ESTELA. — Alô, alô...

O CONFERENTE. — Pronto.

ESTELA. — Quem fala?

CONFERENTE. — Viação Férrea, às suas ordens.

ESTELA. — (*SEM QUERER*) Preciso de um noivo com tôda urgencia.

CONFERENTE. — Como, senhorinha, um noivo?!

ESTELA. — (*CAINDO EM SÍ*) E' sim... isto é... quero dizer... desculpe, foi engano meu. O que eu desejo é um leito para o trem noturno de amanhã, até Santa Maria.

CONFERENTE. — Ah, sim... Seu nome, faça o favor?

ESTELA. — Estela Garcia. (*PEQUENA PAUSA*)

CONFERENTE. — Perfeitamente, senhorinha. Está anotado. Tenha a bondade de fazer o depósito, até amanhã às 10 horas.

ESTELA. — Pois, não. Muito agradecida.

CONFERENTE. — Às suas ordens, senhorinha.

DESLIGAM

BELINHA. — Estela, queria apresentar-te o... (*TRANSIÇÃO*) Mas, observo: — Estela, que estás fazendo?

ESTELA. — Que estou fazendo? Pois, queres saber? Olha: tiro as minhas férias — e vou viajar.

BELINHA. — Vais mesmo?

ESTELA. — Vou! Também quero um noivo assim. Assim mesmo. (*COM EXPRESSÃO*) Ah!... exatamente como cinema!

BEBA
MALTE CONTINENTAL
(A Bebida Alimento)

RADIO

OS ANIMADORES DO MICROFONE

Sr. Nelson Pierini

Dr. Manoel Gastal

Arnaldo Balvê, diretor da Radio Sociedade Farroupilha

Sr. Walter Ferreira

Dr. Ruy Simões

P R H 2

O radio é um elemento capaz e poderoso de educação popular.

Bem coordenado leva á massa de ouvintes uma elevada dóse de civilização.

Entre as emissoras riograndenses, destaca-se de imediato a Radio Sociedade Farroupilha, a qual pela potencia da sua antena leva ao Brasil imenso a nossa cultura, o nosso patriotismo, orientados pela figura insinuante de Arnaldo Balvê, seu esforçado diretor.